

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

GABRIELA DOS SANTOS ALBERTO

ROUPAS EM TRÂNSITO

Trajetórias do descarte têxtil no município de São Carlos - SP

São Carlos

2026

GABRIELA DOS SANTOS ALBERTO

ROUPAS EM TRÂNSITO

Trajetórias do descarte têxtil no município de São Carlos - SP

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais
Orientador: Prof. Dr. Igor Machado

São Carlos

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
e-mail: ccgcs@ufscar.br
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
Fones: (016) 3351-8387 - 3509-1839
CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil

ATA DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

[1º] semestre [2026]

AVALIAÇÃO

*Sendo avaliada a Monografia por parecer (sem apresentação), além da ata assinada,
deverá ser anexado o parecer ou mencionar na ata – avaliação por parecer*

GABRIELA DOS SANTOS ALBERTO - 801641

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado (Orientador) Aprovada (10) _____
Docente do Departamento de Ciências Sociais/CECH/UFSCar

Prof. Dr. Alexandre Branco-Pereira (UNB) _Aprovada_(10)_____

Título:

**“Roupas em trânsito: trajetórias do descarte têxtil no município de São Carlos
– SP”**

Data: 10 de abril de 2026

Média Final: 10 (Dez)

**Observação: A aluna foi aprovada com nota 10 , com destaque para o trabalho
etnográfico com o descarte de roupas em São
Carloss _____**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Igor Machado, por ter aceitado minha proposta e por toda a paciência, dedicação e disponibilidade para me orientar. Sua participação e relevância para esta monografia começaram na disciplina de Construção de Bibliografias Antropológicas ministrada pelo senhor, disciplina que levarei para a vida, e que teve influência direta na construção bibliográfica desta pesquisa.

Agradeço também, aos professores que tive ao longo do curso, em especial à Profa. Dra. Aline Iubel e à Profa. Dra. Catarina Morawska, por todos os ensinamentos e conselhos que me permitiram encontrar meu tema de pesquisa.

Sou grata aos funcionários do Fundo Social de Solidariedade de São Carlos que me receberam de braços abertos para a pesquisa, e a todos os funcionários e cooperados com os quais conversei nas visitas aos Ecopontos. Vocês possibilitaram meu acesso ao campo e a realização deste trabalho.

Agradeço à minha família por todo amor, suporte e estrutura que tornaram este trabalho possível. Ao meu companheiro, Pedro Henrique Ferreira, que me incentivou e apoiou em todos os momentos. Ao meu amigo Wellington Vinicius de Oliveira Filho, pelas dicas e paciência ao sanar minhas dúvidas sobre o trabalho. E minhas amigas Carolaine Chiquitelli, Maria Eulalia e Maryana Nascimento, pelos momentos compartilhados e pelo companheirismo ao longo do curso.

A todos, meu muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória do descarte de roupas no município de São Carlos – SP, investigando seus desdobramentos sociais, culturais, econômicos e ambientais. O estudo parte do Fundo Social de Solidariedade de São Carlos, instituição vinculada à Prefeitura Municipal que atua como ponto de coleta e redistribuição de doações de roupas, e acompanha os percursos das peças desde a chegada até o destino final, incluindo os Ecopontos da cidade. A metodologia baseou-se em trabalho de campo com observação participante e entrevistas não estruturadas realizadas entre outubro de 2025 e fevereiro de 2026, complementado por visitas a todos os Ecopontos municipais. O referencial teórico mobiliza a antropologia da cultura material, dialogando com autores como Kopytoff, Ingold, Sahlins, Stallybrass e Knowles, que concebem os objetos como portadores de significados sociais e imersos em fluxos de transformação. Os resultados indicam que o descarte de roupas é percebido como um problema pelos diferentes atores envolvidos: o Fundo Social enfrenta dificuldades com doações em más condições, escassez de peças masculinas e ausência de locais adequados para encaminhar os rejeitos; os Ecopontos, por sua vez, registram alta demanda da população por descarte de têxteis, mas não possuem estrutura para recebê-los, o que leva a maior parte dos resíduos ao aterro sanitário. A pesquisa conclui que o problema do descarte de roupas em São Carlos não se reduz a condutas individuais, mas revela uma lacuna estrutural de políticas públicas e infraestrutura voltadas para resíduos têxteis. As trajetórias acompanhadas evidenciam que as roupas seguem transformando-se e produzindo efeitos sociais mesmo após serem descartadas, confirmando a importância de abordar o fenômeno para além da perspectiva ambiental, considerando suas implicações sociais, culturais e políticas.

Palavras-chave: Descarte de roupas; Cultura material; Fundo Social de Solidariedade; Resíduos têxteis; São Carlos – SP.

ABSTRACT

This research aims to analyze the trajectory of clothing disposal in the city of São Carlos – SP, investigating its social, cultural, economic, and environmental implications. The study starts from the Fundo Social de Solidariedade de São Carlos, a municipal institution that serves as a collection and redistribution point for clothing donations, and follows the pathways of cloths from their arrival to their final destination, including the city’s Ecopontos (solid waste collection sites). The methodology was based on fieldwork involving participant observation and unstructured interviews conducted between October 2025 and February 2026, complemented by visits to all municipal Ecopontos. The theoretical framework draws on the anthropology of material culture, engaging with authors such as Kopytoff, Ingold, Sahlins, Stallybrass, and Knowles, who conceive objects as carriers of social meanings embedded in flows of transformation. The results indicate that clothing disposal is perceived as a problem by the different actors involved: the Fundo Social faces difficulties with donations in poor condition, a scarcity of men’s clothing, and the lack of adequate places to send discarded items; the Ecopontos, in turn, register high public demand for textile disposal but lack the infrastructure to receive them, leading most textile waste to be sent to landfill. The research concludes that the problem of clothing disposal in São Carlos cannot be reduced to individual behaviors but reveals a structural gap in public policies and infrastructure for textile waste. The trajectories traced show that clothes continue to be transformed and produce social effects even after being discarded, confirming the importance of addressing the phenomenon beyond its environmental dimension and considering its social, cultural, and political implications.

Keywords: Clothing disposal; Material culture; Fundo Social de Solidariedade; Textile waste; São Carlos – SP.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fundo Social de Solidariedade de São Carlos.	18
Figura 2 - Sacolas de doações arrecadadas.....	21
Figura 3 - Mesa de estoque de roupas para a sala de doações.	22
Figura 4 - Montagem das caixas de roupas para o bazar itinerante.....	22
Figura 5 - Caixas de roupa fechadas e etiquetadas para o bazar itinerante.	23
Figura 6 - Kit maternidade.....	23
Figura 7 - Caminhão do Fundo Social de Solidariedade.	24
Figura 8 - Sala de doações.....	25
Figura 9 - Interior da sala de doações.....	27
Figura 10 - Diferença das quantidades entre roupas femininas e masculinas no estoque.	27
Figura 11 - Sacos de roupas para descarte acumulando no Fundo Social.	33
Figura 12 - Volumosos no Ecoponto Vida Nova São Carlos com um saco de roupas no dia 18/02/2026.....	36
Figura 13 - Volumosos no Ecoponto São Carlos VIII com alguns materiais têxteis no dia 18/02/2026.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 O DESCARTE DOS OBJETOS DA INDÚSTRIA DA MODA	14
3. O FUNDO SOCIAL E AS DOAÇÕES DE ROUPAS	17
3.1 FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE DE SÃO CARLOS	17
3.2 SOBRE AS DOAÇÕES DE ROUPAS	19
4. ECOPONTOS E A GESTÃO DE RESÍDUOS TÊXTEIS	30
4.1 O RETORNO AO FUNDO SOCIAL	32
4.2 VISITAS AOS ECOPONTOS DA CIDADE	34
5. CONCLUSÃO.....	39
6. BIBLIOGRAFIA	41

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma análise etnográfica da trajetória do descarte de roupas no município de São Carlos – SP, buscando compreender seus desdobramentos sociais, culturais, econômicos e ambientais. O estudo orienta-se pela perspectiva de que as roupas, enquanto objetos materiais, continuam a estabelecer relações, a transformar-se e a produzir efeitos nas relações e interações com o meio por onde passam.

O trabalho concentra-se na parte final da trajetória das roupas, e tem como ponto de partida o Fundo Social de Solidariedade de São Carlos, instituição vinculada à Prefeitura Municipal que atua como um dos principais pontos de coleta e redistribuição de doações de vestuário na cidade. A partir dessa instituição, buscou-se acompanhar os diferentes caminhos percorridos pelas peças de roupas, desde o momento em que chegam ao Fundo, passando pelos processos de triagem, destinação para doação ou rejeito, até os desdobramentos posteriores quando encaminhadas aos Ecopontos municipais. O trabalho entende que todas essas etapas já são consideradas formas possíveis de descarte, evidenciando a pluralidade desse processo.

O estudo fundamenta-se teoricamente na antropologia da cultura material e nos estudos sobre consumo e objetos, dialogando com autores como Igor Kopytoff (2008), Tim Ingold (2012), Marshall Sahlins (2012), Peter Stallybrass (2016) e Daniel Miller (2007). Além de possuir forte influência do trabalho de Caroline Knowles (2014). Esses autores permitem compreender que as roupas não são objetos inertes, elas carregam símbolos e significados que estabelecem redes de relações sociais e estão imersos em fluxos contínuos de matéria e transformação que abrem novas possibilidades orientam a análise da trajetória das roupas descartadas em São Carlos.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa baseou-se em trabalho de campo com observação participante e conversas realizadas no Fundo Social de Solidariedade de São Carlos e nos Ecopontos do município, entre os meses de outubro de 2025 a fevereiro de 2026. A imersão na rotina do Fundo Social, o acompanhamento dos processos de triagem, organização e distribuição das doações, e as diálogos com funcionários e frequentadores permitiram traçar o fluxo das roupas no interior da instituição. E as visitas aos Ecopontos revelaram as dificuldades enfrentadas pelo município na gestão dos resíduos têxteis e as soluções improvisadas adotadas pelos trabalhadores desses locais.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro apresenta o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, discutindo as abordagens antropológicas sobre cultura material, consumo, significados dos objetos e do descarte. O segundo capítulo descreve o funcionamento

do Fundo Social de Solidariedade de São Carlos, os processos de recebimento, triagem e destinação das doações de roupas, e as dinâmicas sociais observadas na sala de doações. O terceiro capítulo acompanha o percurso das roupas rejeitadas pelo Fundo Social, explorando os caminhos possíveis para o descarte de materiais têxteis na cidade a partir das visitas realizadas aos Ecopontos e das negociações estabelecidas entre as instituições envolvidas. Por fim, a conclusão retoma os principais achados da pesquisa, destacando a dimensão coletiva do problema do descarte de roupas no município e as implicações sociais, ambientais e culturais desse processo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O uso de roupas está presente na sociedade há muito tempo. Ao longo de séculos a moda foi se modificando e permanece em constante mudança até os dias atuais. A maneira pela qual as pessoas se vestem tem sempre um significado simbólico sociocultural nas mais diversas culturas. Há algumas sociedades que são organizadas com base na roupa e na moda, como indica Peter Stallybrass (2016) em relação não só à Inglaterra da Renascença como também à própria Europa ao longo da sua história. Uma sociedade que é baseada na roupa, entende a roupa e a veste como uma moeda de troca e de incorporação (Stallybrass, 2016). Isso ocorre porque a veste assume um papel simbólico importante nas relações sociais, a roupa assume vida própria e, para o autor, falar sobre roupa é falar sobre memória, poder e posse (Stallybrass, 2016). Stallybrass busca retomar o caráter material das vestes, assim como Ingold (2012), Douglas e Isherwood (2004), Kopytoff (2008), McCracken (2007), Miller (2007) e Sahlins (2012) vão olhar para as coisas e produtos a partir de uma análise da cultura material. O argumento central é que bens de consumo estão imersos nas relações socioculturais e que também interagem com a natureza e o meio.

Os estudos de Sahlins (2012) permitem uma compreensão da importância de estudar os sistemas de consumo, em especial o sistema de vestimenta norte americana. Sahlins faz uma comparação do sistema de vestimenta ao sistema totêmico apresentado por Lévi-Strauss (1975). De acordo com ele, as vestes correspondem a “uma série de diferenças concretas entre objetos da mesma classe aos quais correspondem distinções no sentido de alguma dimensão da ordem social” (Sahlins, 2012, p.242), permeando características intrínsecas ao totemismo de Lévi-Strauss. A partir desse princípio, o autor percebe que através das regras do sistema de vestimentas norte americano é possível construir todo um mapa cultural, delimitando assim as categorias culturais daquela sociedade (Sahlins, 2012). Essa constatação traz a noção de que os objetos e mercadorias carregam signos e símbolos que são interpretados pelos consumidores, corroborando nos processos de escolha. Somado a isso, a análise de Sahlins permite compreender o ato de consumir como um elemento cultural muito maior do que apenas como um ato induzido pela economia capitalista, retomando, o caráter material do consumo.

Para estudar o consumo e suas consequências é preciso entender que as coisas materiais carregam símbolos. Kopytoff (2008) percebe essa relação e afirma que a sociedade ordena e classifica o mundo das coisas a partir do mesmo padrão estabelecido na ordem social, construindo assim objetos da mesma maneira pela qual constroem pessoas. Corroborando não só com a teoria do mapa cultural de Sahlins, Kopytoff (2008) vai além e busca entender de que

forma são feitas essas distinções das coisas, segundo ele, as coisas não nascem como mercadorias, elas se tornam mercadorias quando inseridas em um determinado contexto. Sendo assim, os objetos não nascem prontos, é através de suas relações e interações com o meio que eles vão se transformando e adquirindo seus significados. Uma noção, portanto, de que os objetos e mercadorias possuem uma história e podem dizer muito sobre os aspectos culturais, sociais, políticos e históricos das sociedades.

Para Kopytoff (2008), há um processo de singularização das coisas que tende a impedir sua mercantilização. São aqueles objetos que foram utilizados por exemplo por grandes governantes e figuras históricas importantes, ou objetos que possuem um grande valor emocional, por exemplo. Essa singularização é o que vai precificar objetos valorizados nas sociedades, distinguindo-os de mercadorias “comuns”. Além desse processo, Kopytoff (2008) afirma a existência de um ímpeto homogeneizador que tende a transformar tudo em mercadoria. A luta constante entre a homogeneização e a singularização forma as esferas de trocas que são mais delimitadas em sociedades tradicionais e menos perceptíveis nas sociedades complexas. Entretanto, é a partir das esferas de troca que se misturaram as estruturas sociais e culturais, atribuindo assim uma hierarquia para as mercadorias (Kopytoff, 2008).

Tim Ingold (2012) corrobora com as teorias de Igor Kopytoff (2008). Segundo Ingold as coisas estão em um fluxo de matéria que constitui uma malha de relações e fios vitais, sendo essa uma extensão das coisas. Dessa forma, coisas materiais e pessoas são processos e por isso os materiais estão em movimentos que os transformam (Ingold, 2012). É isso que o autor denomina de matéria em fluxo, e de acordo com ele, seguir esse fluxo é entrar num mundo em que existem possibilidades para a matéria se tornar. Logo, as coisas, para Ingold (2012), assim como as roupas para Stallybrass (2016) estão vivas. É possível observar esse fenômeno na etnografia da Caroline Knowles (2014), na qual ela consegue evidenciar as formas pelas quais o chinelo desde o início da extração da matéria prima até o descarte vai percorrer diversas pessoas e lugares, transformando, afetando e formando redes de relações e significados a partir dessa jornada.

Os significados dos objetos, coisas, produtos, mercadorias e bens de consumo não são, portanto, inertes, eles precisam ser atribuídos e incorporados. O autor Grant McCracken elucida essa relação, para ele os significados culturais possuem trajetórias e para isso, existem mecanismos e ferramentas para passar os significados de um ponto ao outro (McCracken, 2007). Sendo assim, os significados sociais estão em três lugares segundo McCracken (2007), no mundo culturalmente constituído, no bem de consumo e no consumidor individual. Logo, na visão do autor, os bens de consumo são uma materialização das categorias culturais, em que

elas determinam como o mundo é organizado e repartido. Os indivíduos representam as distinções categóricas ao mesmo tempo que participam ativamente na construção e constituição do mundo em que vivem. A visão de McCracken é semelhante à de Kopytoff e Sahlins em diversos aspectos, para eles os bens de consumo representam uma manifestação material das categorias culturais, logo as mercadorias possuem significados e signos culturais. Dessa forma, McCracken (2007), entende a transferência desses significados do mundo culturalmente constituído para as mercadorias de duas maneiras, a primeira pela publicidade e a segunda pelo sistema da moda. Além disso, as mercadorias também transferem seus significados para os consumidores individuais que vão incorporar ou até ressignificar esses significados através de rituais.

Há, portanto, outras tentativas de estudar o comportamento do consumo que fogem das perspectivas antropológicas. Dentro da disciplina da economia surgiram questões que tentam compreender a origem das necessidades que levam os indivíduos a consumirem. A teoria higiênica ou materialista é uma delas, na qual, segundo essa vertente, o homem tem duas necessidades, as físicas e as espirituais que estão dispostas de forma hierárquica de importância. Contudo, essa teoria, segundo Douglas e Isherwood (2004), não leva em consideração as diferenças culturais e busca traçar um padrão do que é pobreza e o que não é por meio de lentes ocidentais capitalistas. Outra teoria é a do manipulacionismo que se refere a visão de que os consumidores são “compelidos” a necessitar de produtos como uma consequência de ações exteriores, a necessidade precisa ser “injetada” nos consumidores por meio de veículos de propagandas (Campbell, 2001). Essa teoria, assim como McCracken (2007) propôs, também entende as propagandas como um elemento essencial para o consumo. A diferença está que enquanto para a teoria econômica a propaganda faz sozinha todo o papel de produzir a necessidade e o desejo nos indivíduos, para o antropólogo, ela é uma ferramenta de transmissão de significados da cultura para os objetos e mercadorias, que somado com outros elementos permite no espectador o reconhecimento desses signos e, portanto, suas decisões de consumo. Sendo assim, McCracken reconhece que as propagandas envolvem uma complexidade de interações e atividades. Os diretores publicitários precisam compreender onde as propriedades desejadas para aquele produto estão no mundo culturalmente constituído. Escolhendo entre alternativas que foram criadas pela rede de categorias e princípios culturais, para assim, criar um cenário que representa materialmente os significados culturais desejados ao bem de consumo, evidenciando a relação do produto e de seu significado para os indivíduos. Entretanto, não basta somente o trabalho da publicidade, os espectadores e leitores precisam concluir o trabalho do diretor (McCracken, 2007). Cabe, então, aos espectadores entenderem a

similaridade entre o significado expresso pelo anúncio e o bem de consumo, e assim finalizar o processo de transferência de significado. É a partir dos anúncios e propagandas que os indivíduos se mantêm atualizados dos significados culturais atuais presentes nos bens de consumo. (McCracken, 2007).

Algumas linhas de pensamento acerca dos significados e símbolos atribuídos às mercadorias já começam a entrar no debate referente ao comportamento dos consumidores, mesmo que de forma indireta, ao explicar de que forma os signos interferem no comportamento dos consumidores. Enquanto isso, a economia tem interesse na área para entender melhor os mercados e criar estratégias para otimizar as vendas. A maioria dos estudos sobre esse tema, vai surgir após a revolução do consumo na Inglaterra no século XVII. Essa revolução é importante, na medida em que ela implicou em mudanças profundas nas formas do consumo moderno, marcado pelo desejo desenfreado e insaciável (Campbell, 2001). Entretanto, por ser um fenômeno moderno, muitas teorias classificam o consumo como um comportamento exclusivo da modernidade, separado de sua produção. Afirmar que não se sustenta para as ciências sociais, especialmente para a antropologia. Além disso, há uma diferenciação do significado de consumo para a economia do significado social para o termo. Enquanto o consumo para a economia se refere ao processo pelo qual os recursos são esgotados, não necessariamente envolvendo a ação humana. O consumo socialmente falando se refere ao uso de bens para a satisfação de necessidades humanas (Campbell, 2001). Por conseguinte, os hábitos de consumo podem se alterar ou por uma inovação no uso dos recursos ou numa modificação do modelo de satisfações.

A principal teoria que tenta explicar o comportamento dos consumidores é a utilidade marginal ou utilitarista. Muito criticada pelos teóricos por diversas razões. Para Campbell, essa linha de pensamento nem deveria ser considerada uma teoria sobre o comportamento do consumidor, pois ela não explica a origem das necessidades (Campbell, 2001). Já Douglas e Isherwood (2004) criticam a forma que a teoria tenta transformar os gostos individuais em dados, para eles o utilitarismo baseia a maior parte do comportamento do consumidor nos seus gostos e mudanças de renda. Somado a isso, o consumo é tratado como se fosse um custo na manutenção da oferta de trabalho, sendo ele o fim ou objetivo de todo trabalho, isso reduziria a importância do trabalho como fim em si mesmo, tratando-o sempre como insumo de alguma outra coisa. (Douglas, Isherwood, 2004).

No entanto, há outras análises sobre o consumo. Para alguns, o consumo é considerado maligno pois ele representa o esgotamento dos recursos da cultura material, logo, o consumo é entendido como fim da cultura material, enquanto a produção é tida como algo criativo (Miller,

2007). Para o marxismo ocidental, os bens como manifestações da cultura, atingem um nível na modernidade que eles deixam de representar pessoas e relações e passam a substituí-los (Miller, 2007). Essa noção se aproxima do trabalho de Sahlins, pois ela evoca o poder que a indústria capitalista tem em gerar mapas sociais baseados nas distinções de bens, colocando assim, os consumidores como passivos e submissos a se encaixarem nas categorias por meio da compra de símbolos que são apropriados ao seu estilo de vida (Miller, 2007). No entanto, para Sahlins (2012), a relação entre indústria e cultura é definida como dialética.

Ademais, a chegada do estruturalismo de Lévi-Strauss somado com a semiótica aplicada nas mercadorias provocou uma mudança nas formas de pensar o consumo. Douglas e Isherwood (2004), um dos principais representantes dessa linha, propõem uma abordagem de um sistema de comunicação que surge a partir dos bens de consumo, sendo assim, os bens podem ser pensados como um sistema simbólico, permitindo a leitura de uma sociedade através dos próprios bens de consumo (Miller, 2007). Estabelecendo, dessa forma, uma conexão com Sahlins (2012), que faz esse processo ao esquematizar o quadro cultural norte americano por meio do sistema de vestimenta.

E por fim, a perspectiva da cultura material surge com a inserção da semiótica nas análises antropológicas referentes ao consumo na década de 1980. Segundo Miller, “estudos de cultura material trabalham através da especificidade de objetos materiais para, em última instância, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade.” (Miller, 2007, p. 47). Essa linha de pensamento argumenta que o consumo não é somente comprar bens, mas muitas vezes envolve uma apropriação produtiva e criativa desses bens que se transforma ao longo do tempo. Sendo assim, a mercadoria é quem produz a relação entre ela mesma e as pessoas que interagem com ela, mas também a relação dos indivíduos ao longo da cadeia produtiva (Miller, 2007). Retomando a importância que Ingold (2012) dá para que materiais sejam tratados como coisas e não objetos, uma vez que eles são formados por fios vitais de relações. Ademais, a cultura material, de acordo com Miller (2007) permite o uso da teoria do fetichismo da mercadoria de Marx (2017), não só na teoria como na prática que tenta reconhecer as transformações e conhecimento necessários para fazer com que os consumidores passem a reconhecer os produtos que compram como a corporificação do trabalho humano. Stallybrass (2016) complementa a perspectiva de Marx e une ainda mais com as linhas teóricas da cultura material ao notar o problema do fetichismo em Marx. O fetichismo, portanto, não nega o valor das coisas, ele nega a história social da produção e do uso das coisas (Stallybrass, 2016). O sistema capitalista transforma uma mercadoria em um símbolo abstrato de valor de troca, apagando todas as suas narrativas

peçoais, afetivas e sociais como acontece com o casaco de Marx na loja de penhores. Stallybrass (2016) enfatiza que Marx via as mercadorias como portadoras de histórias, mas o fetichismo a apaga e silencia. Por isso que autores como Kopytoff (2008) ressaltam a necessidade de evocar a história das mercadorias pois elas refletem sobre aspectos culturais, sociais, políticos e históricos das sociedades.

2.1 O DESCARTE DOS OBJETOS DA INDÚSTRIA DA MODA

Os estudos sobre o consumo e o comportamento dos indivíduos, assim como sobre as coisas, se entrelaçam na medida em que os significados dos objetos e mercadorias afetam as relações sociais que percorrem e se alteram. As mercadorias, entendidas dessa forma, evidenciam toda uma estrutura cultural e social que permeia a sociedade observada, os bens de consumo se tornam uma materialização das categorias culturais (McCracken, 2007). Ademais, é preciso entender o consumo como além da perspectiva econômica, mas na própria ação de consumir e usar algo material.

Essas teorias são relevantes para compreender o descarte das coisas. Por mais que esses autores não trabalhem esse tema diretamente, eles dão uma perspectiva do porquê as mercadorias são descartadas e como os significados e símbolos se transformam e modificam no ato do descarte. As roupas entendidas como portadoras de vida própria como Ingold (2012) e Stallybrass (2016) propõem, e como marcadoras de categorias sociais como Sahlins (2012) reflete no sistema de vestuário americano e exemplificado no casaco de Marx por Stallybrass (2016) vão seguir um caminho de descarte muito parecido com o que a Knowles (2014) nota na trajetória do chinelo. De acordo com ela, o descarte não é o fim da linha do tempo do chinelo, a chegada do chinelo no lixão provoca na realidade o início de novas redes sociais a partir de pessoas que utilizam do lixo para tirar seu sustento de vida (Knowles, 2014).

Este estudo pretende analisar as dinâmicas e processos que permeiam o descarte de roupas no município de São Carlos, localizado no interior do estado de São Paulo. Para isso, as roupas e acessórios serão entendidos principalmente por meio das lentes teóricas de Ingold, Sahlins, Stallybrass, Knowles e Kopytoff. O descarte não como fim, mas como início de novas possibilidades.

A globalização modificou as formas de produção das roupas, agora elas perpassam por uma longa cadeia que transforma e molda constantemente materiais, e que viaja para diversos locais do mundo para enfim chegarem a sua versão pronta para ser comercializada em lojas físicas ou online. A principal indústria da moda dos dias atuais é constituída pelas redes de *fast-fashion* ou moda rápida. A chegada dessa indústria no Brasil ampliou o consumo em massa dos

produtos da indústria da moda e tem provocado o aumento de um problema ambiental e social que é o descarte das roupas e produtos têxteis.

Com a nova forma de produzir roupas, outras formas de consumo também surgem, isso implica não só nas maneiras pelas quais se escolhe ou se é imposto vestir determinadas roupas em diferentes situações, mas também no próprio tempo de uso e posse dessas peças. No ensaio de Stallybrass (2016), em diversos exemplos as roupas são memórias materializadas em forma de roupas de entes queridos que partiram, roupas passadas de geração para a seguinte, que se mantém na família e se tornam importantes através da memória, mas que a cada usuário que passa tanto a roupa quanto o indivíduo vão se modificar e incorporar as memórias e significados como explicita McCracken (2007). Apesar disso, Stallybrass notou uma relação entre valor econômico e valor simbólico que se mantém atualmente, “é impressionante como, à medida que perde o valor econômico, a roupa tende a perder também seu valor simbólico.” (Stallybrass, 2016, p. 17).

Hodiernamente, as roupas da indústria *fast-fashion* são as mais acessíveis à classe trabalhadora no Brasil, abrangendo, portanto, a maioria das pessoas do país. As roupas dessa indústria possuem menos qualidade em material e produção e são feitas para serem rapidamente substituídas (The True Cost, 2015). Isso faz com que essas mercadorias durem bem menos nos guarda-roupas, e assim, são descartadas mais rapidamente. É interessante notar que Stallybrass, observando a sociedade inglesa do século XIX, percebe que “para os pobres, as memórias estavam inscritas em objetos que eram assombrados pela perda. Pois os objetos estavam o tempo todo prestes a sumirem.” (Stallybrass, 2016, p. 40). No ensaio o autor refere-se às idas a lojas de penhores para negociar as vestes e outros objetos em troca de dinheiro para sobreviver. Trazendo essa perspectiva para a realidade brasileira atual, os mais pobres em geral perdem suas roupas mais rapidamente, uma menor parte pode ser vendendo e negociando em brechós, que seria o possível equivalente a loja de penhores, ou também pelo fato de as peças estragarem mais rapidamente, estarem mais vulneráveis a desastres ambientais, ou por consumirem peças que já foram utilizadas por outras pessoas. Ademais, a indústria da moda está constantemente se atualizando e produzindo novas tendências o que também provoca uma maior movimentação de peças nos guarda-roupas dos consumidores. Todos esses fatores contribuem para o aumento do descarte de produtos têxteis.

O descarte de roupas pode se dar de diversas maneiras e ocorrer por diversos motivos. Como para Knowles (2014), o descarte nesse trabalho não é entendido como o ponto final de uma história, mas como um local de encerramento de ciclos e início de outros a partir da matéria em movimento que Ingold (2012) evoca. A ação de descartar uma peça de vestimenta pode

surgir pela deterioração da peça devido ao uso, pode estar relacionada a assombração das roupas de um ente querido falecido (Stallybrass, 2016), por não servir mais ao corpo, ou por não corresponder mais aos valores e significados desejados pelo consumidor.

Dessa forma, McCracken (2007) entende que para descartar um objeto é necessário que ocorra rituais de desapropriação. Eles ocorrem em dois momentos, o primeiro quando se adquire um bem usado. Nesse caso, o ritual serve para retirar os significados embutidos do antigo proprietário e que o novo dono reclame o bem para si. O segundo é quando o indivíduo decide se desfazer de um bem, aqui o ritual funciona para apagar o significado que foi investido no consumidor por aquele bem. Em ambos os casos, nota-se uma preocupação com o significado dos bens que ao ser transferido ele possa ser confundido ou mesmo perdido, e por isso os bens devem ser esvaziados de significados ao serem passados adiante ou assumidos.

Assim, os bens devem ser esvaziados de significado antes de serem passados adiante, e esvaziados de significado ao serem assumidos. O que parece mera superstição é, na verdade, um reconhecimento implícito da qualidade móvel do significado com o qual os bens estão investidos. (McCracken, 2007, p.110).

Esses rituais se tornam necessários quando o descarte da roupa vai ser destinado a uma doação ou uma negociação em algum local como brechós e bazares. Nestes dois casos, a roupa vai ser destinada à um próximo dono, e daí a importância de retirar seus significados como também sua memória, unindo assim a teoria de McCracken e Stallybrass.

Este trabalho, portanto, concentra-se na parte final da trajetória das roupas em busca de compreender e analisar as transformações ocorridas ao longo dos processos pelos quais as roupas percorrem ao serem descartadas no município de São Carlos - SP, e quais são os seus desdobramentos sociais, culturais, econômicos e ambientais. O estudo se propõe a descobrir e transpassar pelas redes de relações sociais que estão entremeadas na trajetória do descarte das roupas, tendo como ponto de partida a instituição do Fundo Social de Solidariedade de São Carlos.

3. O FUNDO SOCIAL E AS DOAÇÕES DE ROUPAS

Olhar para as trajetórias que as roupas percorrem para serem descartadas no município de São Carlos se tornou uma tarefa mais complexa do que parecia a princípio. O descarte de roupas pode assumir múltiplas formas e o Fundo Social de São Carlos é apenas um dos caminhos pelo qual as pessoas da cidade descartam e repassam suas roupas.

O trabalho terá o Fundo Social de Solidariedade de São Carlos como o único ponto de partida para analisar a trajetória do descarte, isso significa que será abordado apenas uma única das possíveis vias utilizadas no município para descartar roupas. Sendo assim, o trabalho não se propõe a fazer uma análise completa de todas as trajetórias e caminhos que as roupas percorrem ao serem descartadas na cidade de São Carlos - SP.

3.1 FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE DE SÃO CARLOS

O Fundo Social de Solidariedade do município de São Carlos - SP () foi instituído pela Lei Municipal nº 14.982 de 2009, durante a gestão do então prefeito Oswaldo Barba Duarte Filho. Trata-se de um órgão vinculado à Prefeitura Municipal, diretamente subordinado ao gabinete do prefeito, cujo objetivo é gerir recursos para programas de inclusão e promoção social. A presidência do Fundo Social é exercida pelo cônjuge ou companheiro(a) do prefeito, ou por um indicado deste. Atualmente, a presidência está sob a responsabilidade da primeira-dama de São Carlos, Herica Ricci Donato, e o cargo de diretora é ocupado por Eucimara Jorge Pott. A sede do Fundo Social fica localizada na rua Francisco Maricondi, 375 – Vila Marina, São Carlos - SP.

Figura 1 - Fundo Social de Solidariedade de São Carlos.



Fonte: autoria própria.

A presente gestão do Fundo Social não recebe verba orçamentária direta da prefeitura para a execução de seus projetos. Os repasses financeiros que recebem são destinados à manutenção de sua sede e ao pagamento de salários de seus funcionários. Diante dessa restrição, a maior parte dos projetos oferecidos à população é viabilizada por meio de doações e parcerias. As doações incluem itens como roupas, alimentos, móveis, brinquedos e a oferta de cursos em diversas áreas. O objetivo principal dessas iniciativas é contribuir para a qualificação profissional e a geração de renda da comunidade. Além disso, o Fundo estabelece parcerias com instituições públicas e privadas para ampliar seu alcance.

O Fundo Social mantém um cadastro de instituições do município que necessitam de auxílio, como igrejas, ONGs e casas de repouso para realizar com mais eficácia e transparência a distribuição das doações. As arrecadações para essas entidades são realizadas por meio de campanhas, eventos e colaborações com vereadores ou outros movimentos sociais, focando principalmente em itens como alimentos não perecíveis, produtos de higiene e vestuário.

Durante o trabalho de campo, os funcionários do Fundo demonstraram total receptividade à pesquisa, em especial ao Evandro Alexandre Pinto responsável pela sala de doações e à diretora Eucimara Jorge Pott. Em conversa, a diretora explicou as bases de funcionamento da instituição e as dificuldades enfrentadas pelo Fundo. Nesse diálogo, foi

notada a relação de dependência do órgão por doações e parcerias para a realização e execução dos trabalhos e assistências sociais.

A partir da observação do campo no Fundo Social de Solidariedade de São Carlos e de interações com conhecidos durante o período de escrita deste trabalho, constatou-se, em conversas acerca do tema e por meio de relatos dos funcionários, que muitas pessoas possuem informações limitadas sobre a instituição, desconhecendo inclusive a sua existência. A pesquisa de campo mostrou-se bastante elucidativa, uma vez que diversos projetos e atividades promovidos pela instituição eram pouco conhecidos até então. O Fundo Social não dispõe de contas em redes sociais para divulgar suas ações, e poucas notícias nos jornais locais abordam e divulgam as atividades promovidas pelo órgão. Essa dificuldade de acesso a informações foi identificada já nos primeiros momentos da pesquisa, quando se fez necessária a busca por dados sobre o Fundo Social de Solidariedade, os quais só puderam ser obtidos por meio de visita presencial à sua sede, pois o número de telefone fornecido pelos mecanismos de buscas caía na caixa postal. Algo que ao longo da pesquisa será elucidado os motivos.

3.2 SOBRE AS DOAÇÕES DE ROUPAS

Neste trabalho, entende-se o ato de doar peças de roupas como uma das possíveis maneiras de descarte dessas peças. Este, por sua vez, não é visto como uma ação necessariamente negativa de itens que não servem mais ou que estão estragados, essa é apenas uma das formas e motivos pelo qual as pessoas se desfazem de produtos, seguindo assim a tese da Knowles (2014) e de Kopytoff (2008). De fato, peças de roupas, calçados, acessórios e artigos têxteis em geral são descartados por diversas razões, como a compra de uma nova peça, a mudança de estilo pessoal, marcas de uso que se tornam indesejadas, não servirem mais, consumismo exacerbado e assim por diante. Por esse motivo que peças indesejadas, muitas vezes se encontram em boas condições de uso, e aqui a venda, o repasse para um conhecido, a doação ou *upcycling* entram como soluções para esse descarte pessoal.

No município de São Carlos, o Fundo Social de Solidariedade é um dos pontos de coleta para doações de peças de vestuário. Dessa forma, a instituição recebe roupas e artigos têxteis exclusivamente por duas fontes, a primeira por doações diretas da população e a segunda por campanhas promovidas por diversas organizações do município. É importante ressaltar que todas as roupas destinadas ao fundo são adquiridas exclusivamente através de doações, sejam elas diretas ou indiretas.

Para fazer a doação de roupas no Fundo Social de São Carlos, o processo é simples. Basta separar as peças limpas e em boas condições e levá-las até a sede, onde os

funcionários as recebem e anotam o nome do doador para registrarem as doações em uma listagem mensal. Caso a pessoa não tenha condições de se deslocar, é possível ligar no Fundo Social, dependendo do tamanho e das condições da doação e da disponibilidade de horários, os funcionários podem ir retirar no local. Entretanto, durante o trabalho de campo os serviços de telefonia e internet estavam interditados no local devido a um acidente de trânsito envolvendo um caminhão que danificou os fios da rede. A operadora estava recusando fazer a religação dos cabos, impossibilitando o Fundo de fazer e receber ligações e de acessarem a internet. A razão pela qual não foi possível contatar o Fundo no início da pesquisa. Por esse motivo também, algumas tarefas ficaram impossibilitadas e os funcionários se viram na necessidade de usar os dados dos seus planos de telefonia particulares ao longo da jornada de trabalho, evidenciando uma precariedade de trabalho no órgão e um certo abandono pelo gabinete do prefeito.

Após a capacitação das doações (Figura 2), as roupas arrecadadas pelo Fundo Social de Solidariedade de São Carlos passam por uma triagem. Nessa etapa, são selecionadas as peças que estão em bom estado de conservação, ou seja, limpas, sem manchas visíveis, furos grandes ou rasgos. Essas são as roupas consideradas aptas para doação. As peças que não atendem a esses critérios são separadas e encaminhadas para o ecoponto mais próximo, processo que será detalhado no próximo capítulo. A seleção está diretamente ligada à missão da instituição. De acordo com seus funcionários, oferecer roupas em bom estado é crucial para garantir dignidade às pessoas em situação de vulnerabilidade social atendidas pelo Fundo. A assistência prestada vai além do atendimento material; busca-se o resgate da autoestima dos beneficiários e promover visibilidade social dos mesmos. Além disso, a oferta de roupas em boas condições é essencial para o órgão evitar processos. O Fundo Social de Solidariedade de São Carlos tem como objetivo dar assistência a pessoas em vulnerabilidade social, isso implica em ofertar roupas que possam ser usadas para entrevistas de empregos, trabalhos etc. Evidenciando assim, que as roupas carregam símbolos sociais importantes para a integração na sociedade. É nessa etapa que começam a se revelar as funções sociais das roupas e a forma como são interpretadas pela sociedade e pelos indivíduos, indo muito além de sua utilidade prática como Sahlins (2012), Stallybrass (2016), Knowles (2014), Douglas e Isherwood (2004) abordam acerca dos significados e importâncias socioculturais para as vestes. Exemplificando na prática o que McCracken (2007) apontou sobre os significados sociais das coisas, nesse contexto, o das roupas estarem no mundo culturalmente constituído, no bem de consumo e no consumidor individual. Logo, as roupas funcionam como uma materialização das categorias culturais e vão determinar de acordo com esses três lugares se aquele indivíduo pertence ou não à essas categorias.

Figura 2 - Sacolas de doações arrecadadas.



Fonte: autoria própria.

Após a seleção das peças que chegaram das doações, as roupas vão ser categorizadas pelo tipo da peça. Parte delas é destinada à reposição do estoque da sala de doações que são empilhadas numa mesa (Figura 3), enquanto o restante é acondicionado em grandes caixas de papelão (Figura 4), também organizadas por categorias. Essas caixas, quando cheias, são fechadas, etiquetadas e armazenadas (). Quando uma grande quantidade de caixas fechadas é atingida, elas são levadas para a realização do bazar itinerante em bairros do município. Algumas peças infantis são separadas para a realização do kit maternidade (Figura 6) que conta com alguns itens básicos de cuidados para recém-nascidos que são entregues às mulheres grávidas que solicitaram o kit.

Figura 3 - Mesa de estoque de roupas para a sala de doações.



Fonte: autoria própria.

Figura 4 - Montagem das caixas de roupas para o bazar itinerante.



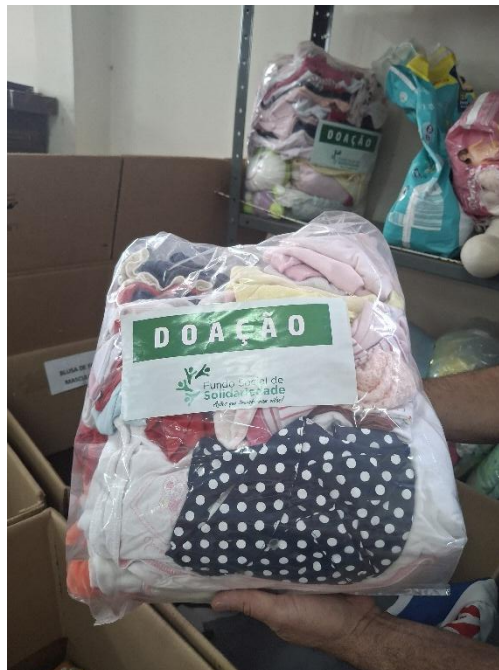
Fonte: autoria própria.

Figura 5 - Caixas de roupa fechadas e etiquetadas para o bazar itinerante.



Fonte: autoria própria.

Figura 6 - Kit maternidade.



Fonte: autoria própria.

O bazar é realizado algumas vezes por ano, e a localização é definida em conjunto com a prefeitura, com base no mapeamento das áreas de maior vulnerabilidade social. O transporte

do material é feito pelo caminhão do próprio Fundo Social (Figura 7). No local, as roupas são dispostas em mesas para a escolha pelos beneficiários. O acesso é organizado por meio de fila, com os participantes sendo liberados em grupos. Cada grupo tem até 10 minutos para selecionar as peças que desejam, dando lugar ao grupo seguinte no final do prazo. Após o atendimento de toda a fila, é permitido que as pessoas revisitem as mesas para uma nova escolha, caso haja peças remanescentes. Os bazares itinerantes duram o dia todo, e apesar de mobilizar quase toda a equipe do Fundo Social de São Carlos, a sede e a sala de doações continuam funcionando normalmente.

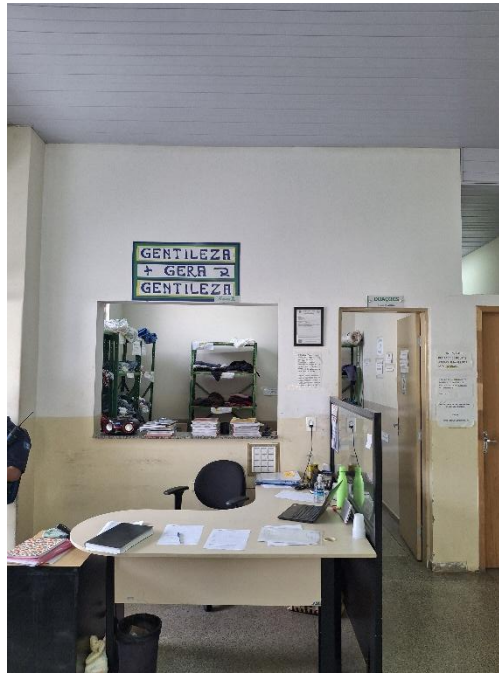
Figura 7 - Caminhão do Fundo Social de Solidariedade.



Fonte: autoria própria.

A sala de doações (Figura 8) é visível logo na entrada da sede do Fundo Social. Localizada na parede oposta à porta, ao fundo de um grande salão que abriga a recepção, as salas da diretoria e da presidência, além de mesas de funcionários, ela fica atrás de um balcão embutido na parede.

Figura 8 - Sala de doações



Fonte: autoria própria.

Os funcionários do Fundo Social de São Carlos se referem ao espaço como “lojinha” ou “outlet”, embora seu funcionamento não se assemelhe em nada ao de uma loja inserida num contexto capitalista. Durante o período de campo, também foi observado que alguns frequentadores a chamam de “salinha”. Foi o caso de duas senhoras que, ao chegarem, perguntaram a Evandro, responsável pelo setor, se poderiam “dar uma olhada na salinha”.

O dia na sala de doações começa logo pela manhã. Embora o Fundo abra às 9h, os funcionários chegam às 8h e começam a organizar suas tarefas. Como o foco da observação era acompanhar a trajetória das roupas, o principal funcionário acompanhado foi Evandro Alexandre Pires, responsável por atender o público e organizar a loja. Evandro inicia o dia analisando os tipos de roupas que precisam ser repostas na sala de doações e deixando todas as roupas na sala dobradas e organizadas. Em seguida ele dirige-se a área permitida somente para funcionários, onde fica a mesa com as pilhas de roupas para repor a sala de doações. Para ajudar nesse processo, Evandro utiliza de um carrinho de supermercado para ir colocando as peças e facilitar o transporte para a “lojinha”. Chegando lá, ele dispõe as roupas em suas respectivas prateleiras. Ao terminar, sobrando um tempo antes de abrir o Fundo Social, os funcionários tomam café da manhã.

É comum que algumas pessoas se reúnam nos bancos do lado de fora do prédio antes da abertura, aguardando para visitar a sala de doações. O que vai além de uma questão de

horário, mas também uma estratégia para garantir as melhores peças da “lojinha”, já que as roupas só são repostas uma vez por dia no Fundo, logo no início do expediente. Por esses motivos, o horário de abertura é o período de maior movimento de pessoas para acessarem a “salinha”. Evandro costuma chamá-las para entrar nas dependências do Fundo, às vezes antes do horário oficial, para que não precisem esperar no frio. A partir das 9h, o acesso à sala é liberado. Dependendo do número de pessoas, Evandro as chama de forma que permaneçam, no máximo, três por vez na “lojinha”.

O processo para retirar itens da sala de doações consiste nas seguintes etapas: a pessoa deve se dirigir à sede do Fundo Social, visualizar os itens disponíveis na “lojinha” e separar as peças de interesse. Em seguida, ela se encaminha até o Evandro, que registra os tipos e as quantidades dos itens retirados, verifica se o limite estabelecido está sendo respeitado e solicita que o usuário assine uma folha com seu nome e endereço. Em caso de pessoas em situação de rua, é necessário apenas dizer o nome para o Evandro colocar em sua planilha. A partir desses dados, Evandro consegue analisar a quantidade de pessoas que estão sendo atendidas pela “lojinha” durante o mês, mantendo uma média de 50% de pessoas vindas do albergue ou casas de passagem e 50% de pessoas com endereço fixo.

Nas prateleiras dentro da sala de doações existem alguns avisos referentes a quantidade de peças que podem ser retiradas (Figura 9). Peças femininas consistem em no máximo dez itens de vestuário variados, duas blusas de frio, dez peças íntimas e uma bolsa. No setor infantil, o máximo é de cinco itens variados, dois pares de sapatos e três brinquedos. Já no masculino o limite diminui ainda mais, consistindo em no máximo uma blusa de frio, duas camisetas, uma bermuda, uma calça e um calçado. Cobertores, quando disponíveis, um por pessoa. O estabelecimento desses limites tem algumas razões, como evitar a retirada de itens para vendas em lojas privadas e controle de estoque de acordo com as quantidades de peças doadas para que não falem peças. Sendo assim, a partir da planilha de saída de doações que Evandro estruturou, camisetas masculinas são o item com maior saída de doações. No entanto, os itens masculinos são os que menos chegam em doações, o que fica nítido ao olhar a discrepância dos montes de roupas separadas na mesa (Figura 10).

Figura 9 - Interior da sala de doações.



Fonte: autoria própria.

Figura 10 - Diferença das quantidades entre roupas femininas e masculinas no estoque.



Fonte: autoria própria.

Muitos dos frequentadores da “lojinha” vão com frequência ao Fundo Social. Boa parte deles são homens em situação de rua que utilizam do albergue da cidade localizado ao lado da

sede da instituição do Fundo para tomarem banho, se alimentar e dormir. Mesmo com a casa de passagem oferecendo uma máquina de lavar roupa e tanque, eles preferem pegar novas roupas na “lojinha” do que ficarem lavando e carregando as roupas usadas. Corroborando com os limites de roupas masculinas que podem ser retiradas na sala de doações do Fundo. Somado a isso, também há um limite de retirada de roupas de uma única vez por mês. Na prática, essa regra não é levada muito a sério, para aqueles que Evandro já conhece e possui uma certa intimidade, ele libera a retirada de itens mais vezes por mês. Aqui é importante ressaltar, que é feito um julgamento subjetivo de necessidade por parte do Evandro e do reconhecimento que essa regra existe para impedir a retirada de itens para revenda e para não esgotar o estoque de roupas. Como o Evandro é o funcionário que está sempre recebendo os visitantes, conversando com eles e controlando o estoque das roupas ele define se é possível liberar ou não mais vezes a sala de doações.

Deve-se notar a existência de um recorte de gênero quanto às doações, peças femininas chegam em grandes quantidades no Fundo Social, além disso peças infantis também são majoritariamente doadas por mulheres. Já as roupas e sapatos masculinos, chegam em menores quantidades, e muitas vezes já chegam com várias marcas de uso que impossibilitam o repasse dessas roupas pelo órgão. Algumas hipóteses podem explicar esse cenário, como o alto incentivo ao consumo de roupas e sapatos pelas mulheres, fazendo o guarda-roupa delas serem mais rotativos e por isso as roupas são menos usadas. Somado a isso, a quantidade de variações de peças femininas disponíveis. Enquanto isso, o estímulo ao consumo de peças masculinas é menor e possuem menos itens variados. Além disso, Evandro fala que os homens tendem a usarem as roupas até elas estragarem e não serem mais usáveis, o que pode significar um menor consumo de roupas, mas também uma menor quantidade de peças que estão aptas a serem repassadas e doadas. Outra possível hipótese, é a de que homens se importem menos em separar roupas para doações e descartam suas roupas de outros modos.

O Fundo Social de Solidariedade de São Carlos tem algumas dificuldades quanto à sua infraestrutura que reflete diretamente no que eles vão poder aceitar de doações. O local não possui máquina de lavar roupas e nem costureiros(as), a falta desses atributos faz com que o Fundo precise descartar muitas peças que poderiam ser costuradas, restauradas e/ou limpas para que elas passem a transmitir dignidade social a aqueles que as vestem. O que significa que várias peças que chegam ao fundo precisam ser mandadas embora para o Ecoponto.

Um problema notado e falado pelos funcionários é o estado que as doações chegam até o Fundo Social. Várias doações arrecadadas, se encontram molhadas, sujas, fedidas e como relatado pela diretora Eucimara, até mofadas. De acordo com ela, muitas pessoas não sabem o

que fazer com os sacos de roupas para descarte, muitas armazenam em lugares impróprios, não sabem onde destinar essas roupas e acabam levando para o Fundo como uma forma de solucionar o problema. Mas na realidade, acaba sobrecarregando os trabalhadores da instituição, que além de terem que mexer em peças sujas, agora acabam se tornando os responsáveis por esse descarte. O que significa que só ocorreu uma transferência do problema do descarte de roupas do âmbito individual para a instituição do Fundo Social. Essa realidade começa a evidenciar um problema maior do município, a falta não só de informação sobre o descarte correto das roupas, mas também de locais para coleta de roupas. Além disso, o fato evoca a teoria de Stallybrass (2016) na qual a roupa tende a perder o seu valor simbólico na medida que perde valor econômico e juntando com a noção de que a sociedade classifica e ordena o mundo das coisas da mesma forma que o mundo social é construído de Kopytoff (2008). Isso porque é entendido que existe uma hierarquia ou classificação de categorias sociais em que as pessoas atendidas pelo Fundo Social poderiam usar roupas que são classificadas como inferiores econômica e simbolicamente.

4. ECOPONTOS E A GESTÃO DE RESÍDUOS TÊXTEIS

Após o recolhimento de doações de roupas e a realização da triagem e separação das peças pelo Fundo Social de Solidariedade de São Carlos, vários itens acabam sendo retirados para o descarte final de produtos têxteis, pois estas peças não têm mais condições de uso para vestimentas. Infelizmente boa parte das doações que chegam no Fundo Social acabam sendo destinadas para o descarte de rejeitos. Até o ano de 2025 o motorista do Fundo Social levava os sacos de roupas para serem descartadas no Ecoponto Jardim Paulistano, localizado na rua Indalécio de Campos Pereira, 1120 - Jardim Hikare, São Carlos - SP, ficando menos de um quilômetro do Fundo Social, levando aproximadamente dez minutos a pé e dois minutos de automóvel. No Ecoponto, a cooperada Marta, Edson e os funcionários separavam essas roupas, parte Marta colocava para doação, parte os coletores recolhiam no caminhão desde que não fosse muita quantidade, e outra parte a Marta colocava em sacos pretos de lixo e deixava na calçada para a coleta de lixo pegar e destinar ao aterro sanitário. Evidenciando que peças que já não eram passíveis de uso no Fundo Social, ainda serviam para algumas pessoas no Ecoponto, seja para uso direto ou para *upcycling*, abrindo assim novas possibilidades de trajetórias que se iniciam de um dos locais considerados de descarte de roupas, assim como Knowles (2014) mostra na trajetória do chinelo.

Desde lá Marta já reclamava sobre a falta de lugares para realizar o descarte de roupas de forma correta. Os produtos têxteis em geral carecem de lugares para serem descartados e reciclados no município de São Carlos. Para Marta, as roupas sempre foram um problema no Ecoponto desde que ela começou a trabalhar lá, há 15 anos. As empresas não pegam produtos têxteis porque não têm onde destinar esses materiais, e a solução encontrada por Marta foi encaminhar esse descarte para o aterro sanitário, mesmo sendo uma prática proibida pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (Brasil, 2010). O art. 9º da Lei nº 12.305/2010 define que somente rejeitos, materiais que já foram esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação, podem ser descartados no aterro sanitário (Brasil, 2010), o que não é o caso das roupas que vieram do Fundo Social. Além disso, o descarte de materiais têxteis no aterro sanitário também pode ser considerado crime de poluição de acordo com o art. 54 da Lei 9.605/98 caso o descarte de roupas provoque qualquer tipo de poluição ambiental e resultar em danos à saúde humana, seja pelo chorume ou por corantes e produtos químicos presentes nos tecidos (Brasil, 1998, art. 54º). No entanto, não se pode culpabilizar Marta por isso, quando se carece de infraestruturas e informação o problema está nas gestões públicas e não no papel individualizado dos cidadãos.

Diante de várias pessoas, instituições, empresas e pequenos negócios que buscam o Ecoponto para o descarte de roupas e materiais têxteis há anos, Marta relata que sempre que explica que não recebem esse tipo de material isso gera uma frustração nas pessoas que querem descartar pois provoca uma ambiguidade: “se os Ecopontos que foram feitos para o descarte correto dos materiais não pegam, onde se pode descartar roupas?”. Esse é o tipo de pergunta que Marta vem escutando há anos. Cansada de ser questionada sobre o descarte de roupas, Marta e Edson disseram que quem deveria solucionar o problema é a prefeitura. Para eles a gestão municipal deveria construir um local para que materiais têxteis possam ser descartados e reciclados, se não for possível, que sejam incinerados. Ambos concordam que queimar roupas não é a melhor solução ambiental para esse descarte, entretanto eles acreditam que dentro da realidade material e política atual essa forma seria melhor do que o que se tem hoje, que é a falta de locais de descarte apropriados para produtos têxteis.

Com a nova gestão do Ecoponto Jardim Paulistano, agora sob direção da empresa Coprosan Ambiental, o recolhimento de roupas pelo Ecoponto passou a ser proibido pela direção da mesma, pois eles não têm onde destinar roupas e produtos têxteis. A Coprosan Ambiental possivelmente proibiu o recebimento de produtos têxteis para evitar práticas de crimes ambientais e processos jurídicos. Não foi possível conversar com o responsável da empresa pelo Ecoponto e não foi dada a permissão para tirarmos fotos do local. Apesar das complicações, Marta e Edson estão gostando da gestão da empresa, de acordo com eles, a Coprosan Ambiental tem se mostrado eficiente e preocupada com a manutenção e melhoria do Ecoponto.

Na madrugada do dia 12 de janeiro, o Ecoponto Jardim Paulistano, numa tentativa de furto foi incendiado. O fogo atingiu quatro baias da coleta seletiva, destruiu a cobertura da área de triagem e cerca de 5m³ de materiais recicláveis, além de ter afetado completamente a biblioteca comunitária criada e mantida pela Marta que contava com mais de 200 livros e obras (SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO, 2023). O ocorrido foi muito lamentado por Marta e Edson, principalmente pela perda da biblioteca que foi construída ao longo de anos e eles tinham muito carinho por ela. Um dos motivos que fazem Marta e Edson apoiarem a Coprosan Ambiental foi a rápida ação após o incidente. A área foi limpa rapidamente, de forma que apenas dois dias depois o Ecoponto já estava funcionando novamente, mesmo que de forma reduzida. Foi realizado também um boletim de ocorrência para tentarem encontrar o autor do crime. A empresa já deu início ao plano de reconstrução do local que inclui as baias e a reforma estrutural que vai aumentar o conforto dos funcionários, além disso o projeto da empresa vai criar uma baia independente para abrigar exclusivamente a nova biblioteca comunitária de

forma que ela fique afastada da área de reciclagem (SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO, 2023). Marta e Edson se demonstraram muito animados com as melhorias que a obra vai implementar no Ecoponto, além disso eles ressaltaram que se não fosse a empresa, muito provavelmente o local ainda estaria parado pois dependeriam da prefeitura para realizar a reconstrução das baias, o que poderia demorar muito tempo para ser realizado. A prontidão da empresa em tomar a frente, além de se preocupar em construir um espaço para a biblioteca de Marta deixaram eles empolgados com essa nova gestão, pois gestões passadas foram desafiadoras para eles.

Diante de toda essa situação, com o entusiasmo dos cooperados com a nova gestão, do incêndio, da destruição das baias de coleta seletiva, da biblioteca comunitária, da reconstrução em andamento e do proibimento por meio da Coprosan Ambiental de recebimento de materiais têxteis, Marta agora é obrigada a recusar o recebimento dos sacos de roupas provenientes do Fundo Social.

4.1 O RETORNO AO FUNDO SOCIAL

Devido os imprevistos encontrados em campo, foi necessário retornar ao Fundo Social de Solidariedade de São Carlos para entender quais seriam os novos caminhos que seriam dados para as roupas que precisam ser descartadas pela instituição, uma vez que não é mais possível destinar essas roupas ao Ecoponto do Jardim Paulistano.

Ao chegar na sede da instituição, os funcionários presentes logo se entusiasmararam e foram muito receptivos. Ali, estavam sentados Willian e Evandro em frente a “lojinha” e imersos em uma conversa descontraída. Assim que foi explicada a situação encontrada no Ecoponto Jardim Paulistano os funcionários ficaram surpresos com a recém proibição da coleta de materiais têxteis. Com o fim do ano, as atividades no Fundo Social estavam retornando aos poucos, e a separação das roupas de doações não foi diferente, por esse motivo o Fundo Social ainda não havia levado nenhum saco de roupas para descarte no Ecoponto. A notícia provocou espanto misturado com um certo desespero do que seria feito com as sacolas de roupas para descarte que apesar de terem retomado há pouco tempo os trabalhos, já estavam se acumulando (Figura 11).

Figura 11 - Sacos de roupas para descarte acumulando no Fundo Social.



Fonte: autoria própria.

Foi assim, na intenção de descobrir os novos caminhos que o descarte de roupas do Fundo Social tomaria a partir das novas regras do Ecoponto Jardim Paulistano que a dúvida ao invés de ser sanada pelos funcionários acabou sendo levada a eles também. Willian e Evandro ficaram preocupados com o que fariam com as roupas a serem descartadas e passaram a conversar e buscar soluções para a situação. Evandro, assim como Marta e Edson, sugeriu a incineração de roupas diante de um cenário em que eles não sabiam o que fazer. A fala foi em tom de piada e brincadeira, mas evidencia uma linha de pensamento comum, quando as soluções para um problema de descarte se esgotam dentro de uma realidade, a maneira mais simples de sumir com ele é queimá-lo. Não obstante que em diversos pontos da cidade de São Carlos lixos e entulhos são jogados em terrenos baldios e incendiados.

Após muita conversa, discussão e ideias, não foi possível encontrar nenhuma solução sobre o que fazer com as sacolas de roupas que precisam ser descartadas pela instituição. Sendo assim, foram traçadas possíveis caminhos para buscar respostas e alternativas como ligar para o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) que é responsável pelo descarte de resíduos sólidos no município para buscar uma resposta, ou então procurar outros Ecopontos na cidade. É possível perceber que apesar de ainda não se ter uma rota definida para as roupas que os fluxos, redes e teias na perspectiva de Ingold (2012) estão em movimento para traçar uma nova trama cheia de novas possibilidades para esses materiais. Evidenciando como um simples

objeto como uma blusa vai muito além disso, ela se molda e se transforma dentro dos caminhos percorridos do descarte através das interações que ela possui com o meio e com as pessoas, todos se afetando mutuamente.

Entre idas e vindas no Ecoponto e no Fundo Social de Solidariedade de São Carlos, foi possível notar que a forma que se entende o descarte de roupas para todos que estão inseridos dentro dessa cadeia é de problema. A partir dos relatos ouvidos pelos funcionários de ambos os locais eles apontam o descarte de roupas como um problema já nas casas dos consumidores que não sabendo como descartá-las acabam levando para o Fundo Social peças sem condições de uso mascaradas de doações como uma forma de se livrar de um problema individual e ainda se sentirem bem em relação a si mesmos com a atitude benevolente. Na realidade, essas pessoas acabam por transferir o transtorno para uma instituição, sejam elas o Fundo Social, brechós, Igrejas ou até campanhas. Isso atrapalha os funcionários e não resolve a solução do descarte no sentido de resíduos de produtos têxteis, o que antes era um problema em âmbito individual passa a se tornar um problema institucional. O Fundo Social, com esse obstáculo em mãos, acabava transferindo-o para o Ecoponto Jardim Paulistano, um local que deveria ser apropriado para descartar resíduos sólidos. Mas na verdade, nem mesmo a empresa de coleta e descarte consegue se livrar do problema que é descartar roupas no município de São Carlos. Percebe-se que esse problema vai se inflando a cada caminho que percorre. Sai das casas, passa para o Fundo Social que vai para o Ecoponto e depois para a empresa de coleta, até que a Coprosan Ambiental fica sem saída do que fazer com esses materiais que precisa proibir a coleta de resíduos têxteis.

4.2 VISITAS AOS ECOPONTOS DA CIDADE

Depois de conversar, visitar e buscar as trajetórias das roupas do Fundo Social e perceber que a instituição também não sabia para onde encaminhar esse material, surgiu a necessidade de entender para onde estava indo o descarte de materiais têxteis na cidade. Para isso foi visitado todos os Ecopontos do município de São Carlos. Uma observação interessante ao buscar os locais dos Ecopontos foi perceber que quase todos eles, talvez com exceção o Ecoponto Jardim Paulistano, estão localizados em regiões periféricas da cidade. Além disso, todos eles estão em regiões de bairros mais pobres e marginalizados, não há Ecopontos em bairros ricos. No bairro Cidade Aracy, um dos considerados mais pobres do município, há dois ecopontos muito próximos um do outro, algo que não se vê em mais nenhum local da cidade de São Carlos. A localização dos Ecopontos não é escolhida ao acaso, elas têm intenção, e possivelmente essas escolhas mostram como o descarte para pessoas abastadas é algo que não

deve ser nem visto, precisa ser escondido da sua realidade de consumo exacerbado. Em contraste, o descarte de pessoas ricas para os pobres pode ser em si o próprio consumo de diversos itens, mas também de sustento como Knowles relata nas etapas de descarte na trajetória do chinelo (2010). Durante as visitas, foi percebido que diversos objetos que chegam aos Ecopontos algumas pessoas levam para suas casas, desde roupas, colchões, sofás, televisões, entre outros, tanto por relatos dos funcionários como também por cenas presenciadas durante as visitas.

O Ecoponto Cidade Aracy 2 foi o primeiro deles para continuar a busca das rotas das roupas. Ao chegar, o responsável pelo local, Seu Nivaldo, estava sentado na esquina do outro lado da rua. Ele se aproximou para conversar, assim que foi feita a pergunta sobre descarte de roupas ele logo respondeu que não aceitam esse tipo de material. Seu Nivaldo explicou que o Ecoponto ali é novo e está sendo finalizado, faltando ainda a construção das baias de reciclagem e a rampa de acesso para as caçambas. Dessa forma eles não podem pegar recicláveis, além disso, de acordo com ele roupas e materiais têxteis não são aceitos pela empresa Coprosan Ambiental. Seu Nivaldo disse que pega algumas sacolas quando em bom estado para uma senhora do bairro, mas nada além disso. Assim que terminada a conversa, Seu Nivaldo empolgado mostrou todo o jardim que ele plantou e cuida no terreno do Ecoponto.

Após essa primeira visita, foi compreendido que a Coprosan Ambiental não é somente responsável pelo Ecoponto Jardim Paulistano, mas sim todos os Ecopontos da cidade. O que indicou que ir aos Ecopontos da cidade poderia ser uma busca sem respostas, pois tudo indicava que nenhum Ecoponto aceitaria o descarte de roupas no município. No entanto, o segundo local frequentado foi o Ecoponto Vida Nova São Carlos, também localizado no bairro Cidade Aracy. Seu Elias foi o funcionário que atendeu as perguntas da pesquisa, e ele estava muito interessado no assunto e queria ajudar com tudo o que podia. Surpreendentemente, Seu Elias disse que eles aceitavam roupas ali no Ecoponto desde que elas viessem devidamente ensacadas. Isso porque, eles colocam os sacos de roupas junto com os materiais chamados de volumosos (Figura 12), que nos Ecopontos correspondem a estofados como colchões, sofás, poltronas, espumas e afins, para que a empresa leve tudo junto. Dessa forma é essencial que os materiais não fiquem soltos.

Figura 12 - Volumosos no Ecoponto Vida Nova São Carlos com um saco de roupas no dia 18/02/2026.



Fonte: autoria própria.

Continuando a conversa, Seu Elias explicou que a depender da qualidade das roupas a cooperativa Talita leva essas peças para sua irmã que trabalha nos Vicentinos e lá eles fazem a distribuição do material. De acordo com o site dos Vicentinos eles são uma associação Católica que visa a promoção da dignidade humana e caridade social voltadas a pessoas em situações de vulnerabilidade social (2020). A conversa com Talita, assim como com Seu Elias foi longa, Talita relatou que passou a adotar medidas mais restritas para a arrecadação de roupa no local depois que pessoas levaram sacos de roupas com ratos, gatos e até cachorros mortos dentro deles, e lá sob o sol, ficava um cheiro de carniça insuportável. Ao descobrirem que outros Ecopontos não estão aceitando a coleta de roupas, Talita ficou quase que revoltada e entendeu que essa proibição foi o que levou ao aumento da quantidade de materiais têxteis sendo levados ao local nos últimos meses. Ela disse que se outros Ecopontos não estão aceitando, então eles também deveriam parar de receber, pois esse tipo de material dá muito trabalho e problema para eles. Não é por acaso que os funcionários da Coprosan tinham falado à Talita que somente eles recebiam quantidades grandes de roupas, dessa forma tudo fez sentido para a cooperativa. Também foi perguntado se Talita e Seu Elias sabiam o que era feito com esse material depois que a empresa coletava. Eles disseram que não sabiam, somente que levavam junto com os

volumosos, mas que produtos têxteis não podem ser moídos junto com os estofados, e assim que os materiais saem do Eco ponto eles já não sabem exatamente o que acontece.

Ao chegar no penúltimo local, o Eco ponto São Carlos VIII se mostrou ser o mais bagunçado de todos, indo contra todos os outros locais que eram bem limpos e organizados. Lá o funcionário Ronaldo informou que eles não pegam mais roupas, até pegavam no passado, mas a empresa pediu para pararem de receber porque estava acumulando muita roupa, e como a demanda é alta a empresa não consegue dar conta de descartar tudo. De acordo com Ronaldo, o máximo que pegam são materiais têxteis grandes ou peças que vêm junto com estofados como lençóis, por exemplo, e um sapato ou outro para serem descartados junto com os volumosos (Figura 13).

Figura 13 - Volumosos no Eco ponto São Carlos VIII com alguns materiais têxteis no dia 18/02/2026.



Fonte: autoria própria.

O Eco ponto Jardim Ipanema foi o último local a ser visitado, a visita foi tão rápida e sucinta quanto a ida ao Eco ponto do São Carlos VIII. Quem sanou as dúvidas feitas foi outro funcionário chamado Ronaldo, e assim como o anterior, logo respondeu que não pegam descarte de roupas e materiais têxteis justamente porque a empresa Coprosan Ambiental não aceita esses materiais. De acordo com ele, as únicas coisas que aceitam são algumas doações

em bom estado porque uma senhora que vive ali no bairro usa essas peças para fazer vestidos para doar.

Após todas as visitas, perguntas e conversas foi notado que todos os Ecopontos e seus funcionários respondiam em comum era que apesar de não aceitarem roupas e materiais têxteis, todos tinham uma busca e demanda muito grande por parte da população para o descarte de roupas. Segundo eles, muitas lojas e estabelecimentos do município tentam descartar sacos cheios de roupas nos Ecopontos com frequência, além da própria demanda populacional, no entanto, eles não podem receber esses materiais. Mesmo o Ecoponto Vida Nova São Carlos que aceita alguns sacos de roupas para descarte não aceita em grandes quantidades. Isso significa que diversos lojistas na cidade estão descartando seus sacos cheios de roupas em algum local, porém não se sabe onde. Outro ponto interessante, foi perceber que quase sempre que se abordava o assunto do descarte de roupas, os funcionários e cooperados comentavam que a depender da qualidade eles doavam para alguém com quem tinham contato. Para vários, descartar roupas era quase que sinônimo de doação.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender as trajetórias do descarte de roupas e materiais têxteis no município de São Carlos – SP, tendo como ponto de partida o Fundo Social de Solidariedade de São Carlos com a finalidade de analisar e observar os desdobramentos sociais, culturais, econômicos e ambientais desse processo. Para isso, a roupa foi entendida como um objeto vivo que interage com o meio pelo qual ela percorre e se modifica através dele como Kopytoff (2008) e Ingold (2012) evocam em suas teorias sobre as coisas. Todas as etapas analisadas e descritas no trabalho foram entendidas como descarte. Isso foi importante para evidenciar as múltiplas facetas que o descarte pode tomar, retirando assim o preceito de que só o descarte se está em sua forma de resíduo. Dessa forma, o trabalho buscou elucidar como as trajetórias e caminhos das roupas perpassam por diversas pessoas e instituições antes de chegarem ao seu destino final, e como esses encontros afetaram e modificaram os processos e as pessoas envolvidas por ele.

A partir do trabalho de campo de observação participante no Fundo Social de São Carlos e nos Ecopontos da cidade, foi possível perceber que para todas as pessoas entrevistadas, o descarte de roupas é um problema. Para os funcionários do Fundo Social o problema está na nas doações que chegam sem condições de uso, na falta de peças masculinas e na falta de locais apropriados para o encaminhar as roupas rejeitadas pela instituição. Nos Ecopontos, as roupas são um problema para os funcionários e cooperados devido à alta demanda populacional por descarte de têxteis, aliada a impossibilidade de recebê-los devido à falta de estrutura da empresa Coprosan Ambiental que não possui meios adequados para o descarte correto de resíduos têxteis. Somado a isso, o trabalho de campo em todos os locais evidenciou que o descarte de roupas também é um problema no âmbito individual, dentro das casas das pessoas. Isso porque, a população do município não sabe onde realizar o descarte de roupas, tanto pela falta de divulgação de informação e políticas públicas, quanto pela inexistência de infraestrutura para descarte de produtos têxteis. Fazendo assim, com que instituições de caridade recebam muitas peças sem condições de uso e os Ecopontos sejam muito procurados para a realização desse descarte. E na falta de opções a grande parte de resíduos têxteis da cidade de São Carlos acabam indo para o aterro sanitário. Dessa forma, pode-se observar que o problema do descarte não é individual, e sim coletivo devido à falta de estrutura e informação. Se tantas pessoas se questionam sobre o descarte de roupas e não sabem o que fazer, o problema não é desse indivíduo em si, mas sim da sociedade na qual ele está inserido que vem desde sua produção.

Os resultados da pesquisa de campo dialogam diretamente com o referencial teórico mobilizado. A necessidade das roupas doadas ao Fundo Social atenderem a critérios de

conservação e apresentação confirma a proposição de Sahlins (2012) e Kopytoff (2008) de que as vestes carregam distinções que correspondem a hierarquias sociais. A preocupação da instituição com a autoestima e a visibilidade dos beneficiários revela como os significados sociais atribuídos às roupas condicionam a própria possibilidade de serem repassadas. Nesse sentido, as roupas adquirem significados de acordo com suas relações e interações com o meio como Kopytoff (2008), Ingold (2012) e Stallybrass (2016) defendem, e sua trajetória não se encerra no momento em que são consideradas “descartáveis”. Pelo contrário, o caminho das doações para o Fundo Social, do Fundo para as pessoas e para os Ecopontos e dos Ecopontos para terceiros revelam o que Ingold (2012) chama de fluxo de matéria em fios vitais, as roupas seguem se transformando, abrindo novas possibilidades de uso, reutilização ou mesmo de constituição de relações sociais, tal como demonstrado por Knowles (2014) na trajetória do chinelo.

Por fim, o trabalho evidenciou que o descarte de roupas na cidade de São Carlos não é um fenômeno pontual e meramente ambiental, mas um processo que articula dimensões sociais, econômicas, culturais e políticas. As dificuldades enfrentadas pelo Fundo Social e pelos Ecopontos expõem os limites das soluções baseadas exclusivamente na boa vontade de instituições e trabalhadores, bem como a ausência de uma política municipal integrada para os resíduos têxteis. São por esses motivos que é necessário falar e discutir sobre o descarte de materiais têxteis e da indústria da moda. Discutir o descarte de roupas, portanto, é discutir as condições de vida nas periferias, a precarização do trabalho nas instituições assistenciais e de limpeza urbana, a responsabilidade compartilhada entre Estado, indústria e consumidores, e os significados que atribuímos ao que vestimos e ao que deixamos de vestir. Ao seguir os percursos das roupas, foi possível evidenciar que seu destino final não é apenas uma questão técnica ou logística, mas um espelho das desigualdades e contradições que organizam a cidade.

6. BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, [1998]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em: 2 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. **Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em: 2 mar. 2026.

CAMPBELL, Colin. O Enigma do Consumismo Moderno. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p. 57-87.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 51 - 63.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos.** N. 37, 2012.

KNOWLES, Caroline. Trajetórias de um chinelo: microcenas da globalização. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 4, n. 2, p. 289-289, 2014.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Totemismo hoje.** Tradução de Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Vozes, 1975.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Rae-revista De Administração De Empresas**, v. 47 (2007): 99-115.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 33–63, jul. 2007.

SAHLINS, Marshall. Notas sobre o Sistema de Vestuário Americano. **Cultura e Razão Prática.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 241-275. Edição Kindle.

SÃO CARLOS. Lei nº 14.982, de 3 de julho de 2009. **Institui o Fundo Social de Solidariedade do Município de São Carlos, e dá outras providências.** São Carlos: Câmara Municipal, 2009. Disponível em: <https://camarasaocarlos.sp.gov.br/lei/?id=9473>. Acesso em: 28 out. 2025.

SERVIÇO Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) de São Carlos. **Ecoponto Jardim Paulistano funciona de forma parcial após incêndio**. SAAE São Carlos, São Carlos, 8 nov. 2023. Disponível em: <https://saesaocarlos.com.br/wp/noticias/ecoponto-jardim-paulistano-funciona-de-forma-parcial-apos-incendio/>. Acesso em: 4 fev. 2026.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

THE TRUE COST. Direção: Andrew Morgan. Produção: Michael Ross. Estados Unidos: Life Is My Movie Entertainment, Bullfrog Films, 2015. 1 vídeo (92 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rwp0Bx0awoE>. Acesso em: 16 jul. 2025.

VICENTINOS - Paróquia Santo Antônio - São Carlos, SP. São Carlos, SP, 13 ago. 2020. **Página de ação do projeto Asas do Bem Embraer**. Disponível em: <https://asasdobemembraer.v2v.net/actions/c96351af-552e-4721-a8ac-7a23f840b3cf>. Acesso em: 27 fev. 2026.